

Boletim do FMI

MINISTROS DAS FINANÇAS AFRICANOS

Países atingidos preparam plano de recuperação pós-ébola

11 de outubro de 2014



Preparação do pessoal médico em Freetown, Serra Leoa: ‘Estávamos a evoluir bem ... e então veio o ébola’, disse o Ministro das Finanças Marah (foto: Huang Xianbin/Xinhua)

- Ministros das Finanças de Guiné-Conacri, Libéria e Serra Leoa chegam a acordo sobre estratégia
- Surto do ébola faz retroceder o progresso económico recente nos países afetados
- Repercussões do ébola começam a se fazer sentir noutros países africanos

Os três países mais atingidos pelo surto do ébola na África Ocidental estão a preparar um plano de recuperação pós-ébola, afirmou o Ministro das Finanças da Serra Leoa, Kaifala Marah.

Durante uma conferência de imprensa realizada em 11 de outubro em Washington, durante as Reuniões Anuais de 2014 do FMI e do Banco Mundial, o ministro disse também que havia se reunido recentemente com os ministros das Finanças da Guiné-Conacri e da Libéria para discutir uma estratégia pós-ébola.

“Decidimos que formularemos uma estratégia holística que dividiremos com os nossos parceiros bilaterais e multilaterais”, afirmou Marah, acrescentando que os três ministros haviam resolvido “utilizar estratégias nacionais para que possamos ajudar os nossos países.”

Marah destacou que, graças ao vigor do seu setor mineiro, a Serra Leoa havia figurado nos últimos anos entre as economias africanas de mais rápido crescimento. “A nossa taxa de crescimento este ano deveria ser de 11,3%, estávamos a evoluir bem e os nossos fundamentos macroeconómicos também eram sólidos. Estávamos a apresentar bons progressos em termos de rodovias, energia, turismo, agricultura.”

Os fluxos de investimento estrangeiro apresentavam crescimento dinâmico, com o país a atrair grandes empresas, acrescentou Marah. O governo estava até a rever a previsão de que a Serra Leoa alcançaria a posição de país de médio rendimento em 2035, por acreditar que esta data poderia ser antecipada.

‘E então veio o ébola’

“E então veio o ébola, em maio, e tudo regrediu”, afirmou Marah. “O ébola me fez apreciar e começar a compreender que a fragilidade tem o poder de se autoalimentar, porque se tivéssemos as infraestruturas adequadas, as instituições adequadas e a capacidade humana

adequada, seríamos capazes de confrontar o ébola, não teríamos sofrido o que estamos sofrendo.”

Marah referiu que as empresas de mineração estavam a reduzir as operações na Serra Leoa e a atividade na indústria transformadora havia declinado. “O cacau e o café, que representam 90% das exportações agrícolas, chegaram ao fundo, pois as pessoas abandonaram as suas propriedades: estão todos a fugir do ébola. A construção também está a sofrer, pois muitos dos tarefeiros abandonaram os seus sítios.

“O turismo diminuiu 50-60%. As viagens aéreas estão a ponto de estagnar e asfixiar toda a sub-região. Ficamos isolados. Talvez seja esta a melhor prática ou estratégia global, alguém terá de nos esclarecer. Mas isso está a aniquilar as nossas economias”, disse Marah, acrescentado que o isolamento equivalia a um “embargo económico” à sub-região.

Marah acolheu com satisfação a resposta internacional ao surto do ébola. “O mundo reagiu. A reação foi tardia e lenta, mas estamos muito satisfeitos em ver que o mundo reconheceu que o ébola não é um problema sub-regional: é um desafio mundial para toda a humanidade.”

Repercussões

O Secretário do Tesouro do Quénia, Henry Rotich, disse que o surto do ébola está também a repercutir na África Oriental. “No Quénia, temos visto cancelamentos de reservas de turismo que afetam o nosso crescimento e, em função disso, revisamos em baixa as nossas previsões de crescimento este ano.” Dada a posição do Quénia como polo regional, isto significa que o setor dos transportes está a sofrer os efeitos do ébola, e isto está a afetar as perspetivas globais de crescimento, acrescentou Rotich.

Rotich declarou que o governo queniano estava preocupado com as perspetivas económicas na área do euro — o destino da maior parte das exportações do Quénia. O forte crescimento da África Subsariana, outro importante mercado exportador do Quénia, também poderia abrandar como resultado do surto do ébola, o que representa uma outra fonte de possível vulnerabilidade para a economia queniana.

A importância da estabilidade

O Ministro das Finanças e do Orçamento do Chade, Bedoumra Kordje, destacou a segurança como um fator a afetar o crescimento económico de África. “A estabilidade é um elemento importante em quase todo o continente, e temos de integrá-la a nossas análises e avaliações.”

Kordje referiu que o Chade, em especial, está pronto para defender esta causa, pois o país encontra-se no seu mais longo período de estabilidade desde a independência, e está a colher os frutos dessa conquista.

Mas o Chade também está cercado por ameaças à sua segurança, acrescentou Kordje. “Isto significa que temos de investir em segurança, porque esta é simplesmente uma parte da nossa realidade se quisermos manter a estabilidade do nosso país.”

Kordje sublinhou ainda que não poderia haver desenvolvimento sem infraestruturas. “Mas infraestruturas são caras, e África não será capaz de financiá-las por meio do financiamento concessional. Nós precisamos de donativos, sem os quais iremos estagnar ou retroceder.”

Disse que os países de baixo rendimento tampouco poderiam concretizar as suas ambições mais amplas em matéria de desenvolvimento se a assistência financeira fosse oferecida unicamente em condições concessionais. A melhor forma de financiar o crescimento duradouro dos países pobres é através de donativos, afirmou Kordje.

Dividendos da paz

O Ministro da Economia e Finanças da Guiné-Bissau, Geraldo João Martins, disse que o país estava a desfrutar dos “dividendos da paz” após as eleições e as novas políticas económicas que se seguiram ao golpe militar de 2012. A inclusão de elementos da oposição política como parte do governo havia gerado um espírito de reconciliação nacional.

“Estamos a mobilizar todos os recursos nos setores público e privado para apoiar a reconstrução de uma nova nação. O nosso país tem enorme potencial nas áreas de agricultura, pescas, turismo e mineração, um potencial que ainda não está a ser plenamente explorado”, concluiu Martins.

Links relacionados:

[Reduzir os estrangulamentos em África](#)
[O pacote do FMI para combater o ébola](#)
[Vídeo: O impacto da crise do ébola](#)